

## **Cabot<sup>1</sup>**

Isabela Letícia Lessak<sup>2</sup>

Naiara Perdigão Persegona; Nádia Moccelin; Priscila Schran de Lima<sup>3</sup>

Ariane Pereira<sup>4</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná

**Resumo:** Este paper tem a função de relatar o documentário Cabot desenvolvido na disciplina Telejornal-Laboratório do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Cabot pretende mostrar uma visão diferente sobre um assunto, já muito utilizado por alunos de comunicação, os animais de rua. Percebemos nestes animais uma nova leitura, poética e diferente para produções visuais

**Palavras-chave:** documentário; telejornalismo; jornalismo de televisão.

## **1 INTRODUÇÃO**

o uso de imagens como fontes de produção de conhecimento científico já podia ser observado com a utilização de fotografias desde o final do século XIX e de películas cinematográficas desde o começo do século XX. (SOUZA, 2001, p.16)

Em 1926 Iris Barry disse “é obvio que, no que diz respeito a um filme pensando individualmente, é o diretor a pessoa mais importante, o homem de destino”. No caso do documentário “Cabot”, além do diretor como peça fundamental - que no nosso caso foi

---

1 Trabalho apresentado no XXI Prêmio Expocom, na Categoria Cinema e Audiovisual, na Modalidade Filme de não ficção.

2 Aluna líder e acadêmica do 3. ano de Jornalismo da Unicentro – isabelalessak@hotmail.com

3 Membros do grupo e alunas do 3. ano de Jornalismo da Unicentro.

4 Professora da disciplina de Telejornal-Laboratório e orientadora do trabalho – ariane\_carla@uol.com.br

representada por todas da produção, nossa outra peça que poderia ou não mudar nosso destino era aquele que muitas e muitas vezes ignoramos, xingamos por ter virado nossa lixeira, ficamos irritados quando ao passar com o carro latem e saem correndo para ver quem é que chega primeiro até a faixa mais próxima. Nosso personagem principal foi o parente próximo do nosso animal de estimação que em casa recebe comida adequada e regulada, água a disposição, cama, cobertor para os dias mais frios, carinho e uma bola para que possa brincar a todo o momento.

Nosso destino foi traçado mentalmente antes de irmos as ruas, porém, ao nos depararmos com o carinho no olhar, a alegria nos latidos fomos instantaneamente flertadas por tanto carinho, muitas vezes silencioso e frágil.

No telejornalismo diário percebemos que o envolvimento com o assunto, geralmente, é feito de forma superficial e tratado de maneira mais direta, onde o espectador entende e interioriza a informação de forma mais rápida, porém, de maneira menos intensa. Já nas produções de documentário, a pauta é tratada de maneira mais forte, mais aprofundada e, neste caso, de caráter mais indireto. A intenção deste produto é provocar o espectador, deixá-lo com a famosa “pulga atrás da orelha”, faze-lo pensar em tantos e tantos abandonos. Queremos importunar nosso público.

Se pensarmos nos produtos já feitos sobre abandono de cães, veremos que já foram muitos e que muitos destes são documentários. Pois, foi esse nosso impulso para a produção de Cabot. Depois de vermos que nesses trabalhos já apresentados o assunto é tratado de maneira mais direta, salientando ao espectador pensar no caso já vendo imagens de cães tristes, abatidos e sua vida mais sofrida, queríamos inverter essa situação e mostrar esses animais de forma feliz, como também, suas particularidades, seus traços, suas pintas.

Em Guarapuava, os cães de rua já se tornaram um problema público devido a quantidade deles. Não existem bairros que eles não estejam, os cães mostrados nesse documentário se encontravam tanto no centro como na periferia. Os animais guarapuavanos precisam de mais atenção não só do poder publico, mas ainda mais da sociedade.

## **2 OBJETIVO**

Cabot é um documentário pensando em cima de um tema já bastante batido – o de cachorros de rua, porém, com uma leitura e linguagem diferente do comum, a poética. Buscamos mostrar os animais na altura de seus olhares, na tranqüilidade de sua rotina e na periculosidade de suas vidas. Com uma linguagem mais divertida, pois eles não são tristes e

não querem essa tristeza, muito pelo contrário, o que eles nos transmitem/transmitiram foi alegria e esperança na vida.

Durante todo o ano na disciplina de Telejornal Laboratório trabalhamos com o telejornalismo em tempo real o que, em muitas vezes, não nos propiciava dar mais intensividade e reflexão nos temas mostrados. A linguagem direta e as imagens mais enquadradas nos limitavam no quesito reflexão e poesia, pontos que o documentário nos deu liberdade proporcionando tais experimentos.

Em busca sobre reflexões da vida, nos deparamos com os cães de rua. Suas situações não são escolhidas por eles e mesmo assim continuam com uma vida alegre, apesar das dores diárias (falta de comida, de água, de um lar).

Nosso maior desafio e objetivo não é desafiar quem não gosta ou quem super protege os animais, mas sim, desafiar todo e qualquer ser humano que vive sua vida com a ideia de que tudo é descartável ou reciclável. Os cães deste produto foram abandonados e hoje vivem em situação vulnerável, porém não são só eles que vivem assim.

### 3 JUSTIFICATIVA

*Diferentemente do artista ficcional, ele se dedica a não inventar. É selecionando e organizando seus achados que ele se expressa. (BARNOUW, 1974)*

Circulam pelas ruas de Guarapuava, diariamente, centenas de cães abandonados por seus donos que utilizam como desculpa mais corriqueira “não tenho mais tempo, nem dinheiro, ou espaço”. Convivendo lado a lado com essas situações muitas campanhas já foram feitas para conscientização, para adoção, documentários mostrando a realidade desses animais e pedindo para que a população aja de maneira adversa.

Esse documentário surge, justamente, por sentirmos que esses cães não trazem só a infelicidade de terem sido rejeitados e abandonados, mas que podem sim trazer alegria e mostrar que mesmo sem banho, com uma alimentação precária sua esperança na vida e nos seres humanos ainda permanece, e que com isso eles podem trazer e levar alegria para muitos.

“Cabot” é um termo em francês que significa “vira-lata”. A escolha do idioma é justamente pelo carinho e atenção que os franceses tem pelos animais, especialmente, pelos cães. No país animais são aceitos em todos os estabelecimentos comerciais e, dificilmente, serão barrados em algum. Os franceses são conhecidos por tratarem seus pets como verdadeiros integrantes da família, muitos casais não tem filhos, mas adotam um cachorro como um.

Quem não lembra do primeiro animal? Do primeiro cão ou do primeiro gato? Essa volta ao passado, feita pela narração das crianças, traz a tona toda ingenuidade e doçura de tempos anteriores. Na infância vivemos e nos entregamos aos momentos simples, as relações verdadeiras e a fazemos tudo com o sentimento e o olhar verdadeiramente inocentes. É nessa fase que não nos importamos com beleza, cor, raça ou preço das coisas, inclusive, dos animais. Nesta primeira fase da vida, a inocência corre pelos atos e a percepção pelas coisas erradas são apuradas de maneira simples, porém reflexiva. Também, é nesse período da vida que aprendemos o que é ou não correto. Os animais, para as crianças, não são seres mercadológicos como para os adultos; para eles são amigos, companheiros.

Somos uma sociedade guiada pela economia, pela rapidez, pela falta de tempo e o descompromisso com o que está para fora de nossos portões já não importa tanto assim. A falta de preocupação com aquilo que não é seu, com o que foi seu, é o que deixa tantos animais nessas situações.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O prazo para a entrega do documentário foi de um mês e, dentro desse período, dez dias para a produção e amadurecimento da ideia; 15 dias para gravação das imagens e 5 dias para edição e finalização.

Para o registro das imagens usamos uma câmera Canon 600D e duas lentes fotográficas 50mm e 180mm, para imagens perto e longe, respectivamente. A equipe foi dividida entre produção e edição.

Durante as gravações nossa preocupação era mostrar os cães não na altura do olhar humano, mas sim, tentar ao máximo estar na altura do olhar canino, desse modo nos aproximou de suas perspectivas visuais.

No começo do cinema os americanos criaram três planos básicos, usados até hoje. O plano aberto (long shot), quando o objeto ocupa uma pequena parte do cenário. É um plano

de ambientação. O plano médio (médium shot), em que o objeto ocupa parte considerável do ambiente, porém com espaço a sua volta. É um plano de posicionamento e movimentação. E o plano fechado (closed-up), no qual o objeto ocupa, praticamente, todo o cenário, sem grandes espaços a sua volta. Este é o plano de intimidade e expressões.

Para a produção das imagens foram escolhidos dois tipos de planos, aberto e fechado, desse modo as imagens mostram o local que o animal estava inserido e também suas emoções e particularidades (cor e tipo do pelo, olhos, focinho, patas, etc).

A narrativa deste produto, feita pela voz infantil, justifica toda a proposta poética da nossa pauta. A simplicidade da vivência das crianças e de suas relações com o meio animal retomam a candura de nosso tema, de nosso objetivo. Pois, encontramos na primeira fase do ser humano o aprendizado na vida e na delicadeza de viver.

Pensando em nossas justificativas, teríamos muitos assuntos para tratar, porém, nossos escolhidos foram as patas e os focinhos. Os cães mesmo trazendo em seu espírito toda a necessidade de cuidado são despachados por seres humanos de maneira fria e com argumentos vazios. São os cães que encontramos nas, praticamente todas, esquinas de nossa cidade pedindo um pouco de atenção, contando um pouco de sua história através de seus olharem e mantendo a esperança de uma vida melhor em algum dia.

Nossa cidade tem casos de abandono, de descasos com esses animais, e, de tanto presenciar campanhas, propagandas, trabalhos mostrando o lado triste desses animais e fazendo reflexões mais diretas sobre o tema, decidimos mostrar o lado contrário, mostrar a felicidade, a esperança e, com isso, fazer uma meditação silenciosa em cada espectador.

Sonorizamos todo este trabalho com músicas instrumentais, vindas de filmes infantis, outra vez trabalharíamos aqui com a rememoração da infância, da vivência da época infantil. Elas passeiam entre trilhas alegres e umas, um pouco, mais tristes; com isso trabalharíamos todo o estado de espírito desses animais que não se concentram só em tristeza, mas que também, não são eternamente felizes.

A memória da infância, narrada ao som da voz infantil, não estaria obrigatoriamente ligada a imagens. Faríamos nosso público pensar de maneira subjetiva, não o induziremos a um pensar único e fechado. Tirar a voz oficial, os depoimentos, as pessoas e deixar somente a infância, recortada pela voz e pelas inquietações infantis, para fazer com que o espectador problematizasse o fato de acordo com sua memória da infância. As perguntas apresentadas

na narração não são mais preocupações para os adultos que as respondem de maneira mais fria e objetiva, porém, nossa intenção é que você, querido espectador, não veja mais os animais como vê hoje, mas que o veja como via ontem. Ninguém justifica o fato dos cães estarem na rua, mas as crianças questionam e discutem um problema que hoje já se tornou corriqueiro.

Como nas trilhas, a vinheta descontraída mostra o local e a identidade do animal. A rua desenhada mostra sua casa, o lugar onde ele vive, sendo uma escolha ou não, as patas percorrendo a tela trazem a particularidade do animal. Suas pegadas mostram tanto sua identidade, como as marcas que deixam em nossa vida.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Pensamos em um documentário onde não houvesse um narrador contando todos os fatos (acrescentando informações ou traduzindo as imagens com falas), mas que durante toda a produção existisse apenas, as imagens dos cachorros “vira-latas”. Com a ideia de não mostrar a intervenção do homem e, também, sua relação com o animal nas imagens.

Eram dois os principais pontos que centravam a produção:

- 1) Os animais deveriam ser/estar na rua e aparecerem na imagem no seu comportamento natural, sem que a nossa produção interferisse diretamente em sua conduta.
- 2) O homem não poderia aparecer se relacionando com o cão, a preferência é que não aparecesse em nenhum dos planos.
- 3) A narrativa, feita pelas crianças, não, necessariamente, precisaria estar em par com as imagens.

Os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação da informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos gerais geralmente retratados por imagens reais e artefatos. (BERNARDI, 2008, p. 2)

A narração do documentário feita pelas crianças, foi uma escolha do grupo que entende que é na infância que aprendemos a gostar e a nos relacionar com os animais. É nesse período, também, que nossa consciência aprende o valor e a importância dos animais e da natureza.

Os cães deste produto estavam em todos os cantos da cidade, fosse na área central fosse na periferia e nos bairros. Muitos deles não estavam sozinhos, nem viviam sozinhos, mas sim em grupos, sua rede familiar. Procuramos mostrar que não é porque moram na rua que eles são solitário, mas que seus companheiros de lixeira sempre estão por perto e, dificilmente, os abandonarão. Também notamos que a diversidade de cães, pelos, tamanhos, raças, encontradas nas ruas era grande.

Através das trilhas deste documentário, tentamos introduzir o universo infantil e fantasioso, de forma que animais e humanos entrassem em sintonia. Visto que é nesta fase que criamos esses vínculos, crianças e cães fazem o mágico da infância ficar memorável durante toda a vida. O texto, também, vinha do universo infantil com linguagem e questionamentos das próprias crianças. Elas não consideram situações sociais, estruturais e econômicas, e não vêm nisso uma desculpa para tal problema.

Para trabalhar as particularidades dos animais, usamos ângulos e zooms. Procuramos fugir das imagens enquadradas e arriscar nas curiosidades de cada animal, mostrando seu ambiente, como também, só a ponta de seu nariz. Isso nos foi permitido por estarmos em meio acadêmico, que nos proporcionou a experimentação de facetas como esta. Não tínhamos relação com tempo, nem com imagens mais enquadradas, pois isso buscamos mostrar esse pequenos detalhes que, talvez, não seriam possíveis em outros meios.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Ao concluir esse trabalho percebemos uma nova linguagem possível de se trabalhar na produção visual. Aumentamos nossa visão sobre o que pode ser tratado em um trabalho visual, e aprendemos isto nas formas de gravação de imagens, escolha de trilhas, modo de

edição. Concluimos que um assunto social pode ser trabalhado de maneira poética e subjetiva, e que nosso objetivo será alcançado conforme utilizamos artefatos da academia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARD, Scheila, Curran, **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro. ED Elsevier, 2008.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de, **Documentário, realidade e semiose: os sistemas visuais como fontes de conhecimento**. São Paulo. Fapesp, 2001.

RAMOS, Fernando Pessoa, **Teoria contemporânea do cinema**, vol 1. São Paulo. Senac, 2005.